



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Antonio Malta Campos

Álbum Branco
White Album

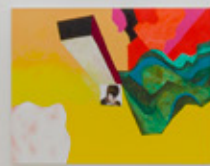
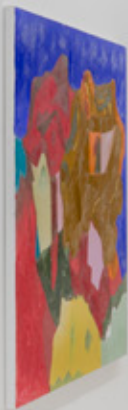
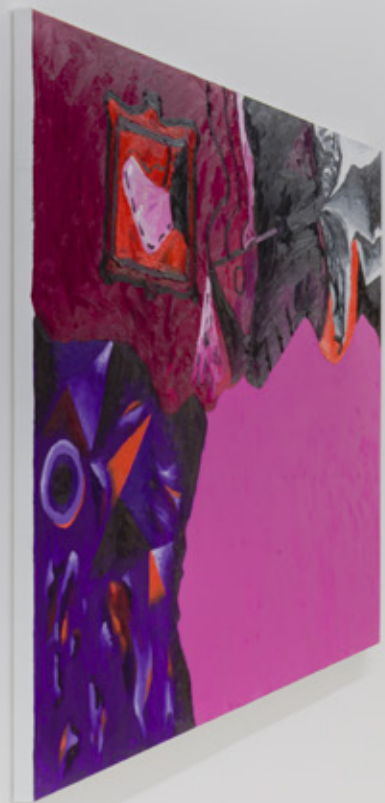
04 fevereiro - 20 de março
february 04 - march 20

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada.
Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment.
Schedule your visit by website or phone.

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil

info@simoesdeassis.com
+55 11 3062-8980





Quadro, 2020
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 5/8 in





Chuva, 2021
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 5/8 in







Estrelas, 2020
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 5/8 in



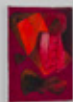




Figura Surrealista, 2020
óleo sobre tela
40 x 30 cm
oil on canvas
15 ¾ x 11 ⅛ in



Seio, 2020
óleo sobre tela
40 x 30 cm
oil on canvas
15 3/4 x 11 1/16 in



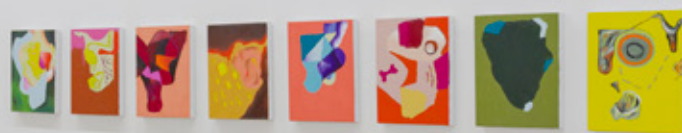


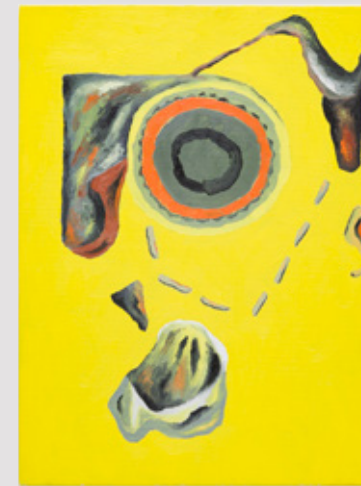
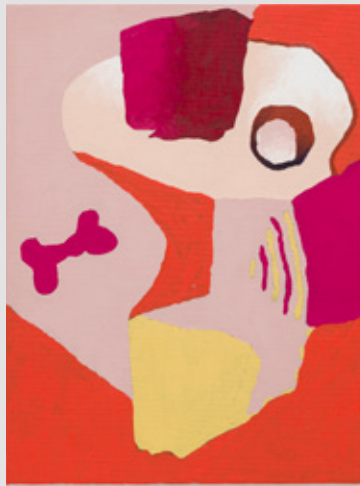
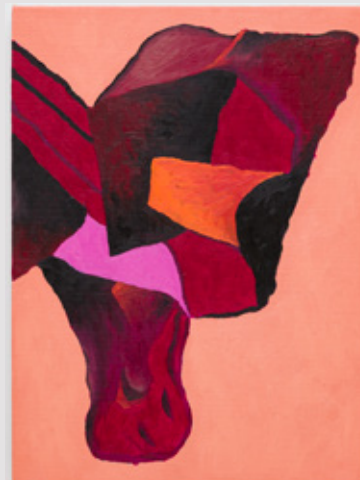
Batman, 2020
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 5/64 in



Contraste, 2020
óleo sobre tela
40 x 30 cm
oil on canvas
15 3/4 x 11 1/16 in





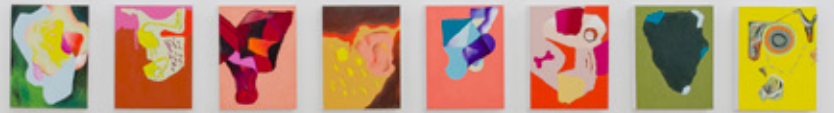


Coração, 2020
Mapa, 2020
Anjo, 2020
Caverna, 2020
Geometria, 2020
Crânio, 2020
Rosto, 2020
Engrenagem, 2021
óleo sobre tela
40 x 30 cm cada
oil on canvas
15 3/4 x 11 13/16 in each



Paisagem Montanhosa, 2020
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 5/8 in





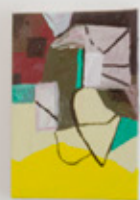


Personagem, 2020
óleo sobre tela
130 x 120 cm
oil on canvas
51 $\frac{3}{16}$ x 47 $\frac{1}{4}$ in





Figura expressionista, 2020
óleo sobre tela
40 x 30 cm
oil on canvas
15 ¾ x 11 1/16 in





Morro Vermelho, 2020
óleo sobre tela
140 x 180 cm
oil on canvas
55 1/8 x 70 5/8 in







Álbum Branco

Certa vez, escrevi que Antonio Malta Campos é um artista de insurgência continuada. Vou além: quebra constantemente os métodos formais implicados no fazer pictórico, no traço do desenho, no risco do croqui ou mesmo na miscelânea anárquica de formatos e técnicas. É desse caminho tortuoso e diverso, porém de controle, que Malta constrói as paisagens e os retratos caóticos e viscerais apresentados nessa exposição. O que se vislumbra, independente da escala do trabalho, pode ser também sonhos, investigações, perspectivas de um futuro tenebroso ou catastrófico. A paisagem total anunciada é a formulação de um caótico e impuro álbum branco.

Entre controle e insurreição ou domínio e incerteza, o artista estabelece seu movimento pendular que define os caminhos de sua produção artística, confabulados em telas, papéis e cadernos. Já nesse contexto expositivo, o foco são suas pinturas em duas dimensões distintas: oito pinturas maiores e dezesseis menores. E não se trata apenas de uma alternância formal de tamanho: essas obras são mergulhos em cores, traços, formas e figurações dos mais diversos: se as de maior dimensão – com algumas pequenas variações de tamanho – sugerem a estrutura da paisagem muito distante do real ou da mimetização de qualquer horizonte preciso, as de menor dimensão trazem especulações de cor e estrutura, corpo e forma que podem ter saído de um caderno de projeto arquitetônico, de um doodle despretenso, do delineamento de um corpo, dos estudos das composições do alto modernismo ocidental ou até mesmo dos esboços de uma história em quadrinhos.

Apesar de identificar essas duas categorias materiais de suporte traduzidas pelo uso da tinta óleo, a linguagem do artista traz, entretanto, como novidade, um novo fôlego expressivo, inflamado por uma presença matérica mais incisiva e volumosa. Tudo por hora está em demasia: é mais tinta, é mais mistura, é mais conflito de cor e forma, é mais figuração sugerida, é mais estrutura em construção ou desmoronamento, é mais contaminação, impregnação e derramamento. São também bichos que se insinuam, o fogo que se contrapõe ao verde, a pulsão de vida do encarnado que duela com a escuridão, as vísceras, seios e veias que se acomodam ou invadem o conforto exterior, e muito mais. É até mesmo um Batman solitário que parece surgir comicamente para um salvamento impossível.

Paro por aqui nessas sugestões de leitura das grandes telas e convoco uma mirada cuidadosa para as pinturas de menor dimensão. Nos últimos anos de sua trajetória, Malta tem ritualizado seu cotidiano de trabalho na confecção de obras bidimensionais de menor tamanho, constituindo um procedimento próprio de criação e execução. Desde sua participação na Bienal de São Paulo, as "Misturinhas" – composições em que desenho, pintura e colagem se confundem – ganharam notoriedade e formularam uma espécie de moto contínuo no labor processual do artista. A aparente displicência que elas sugerem, escondem uma força narrativa que se alcança quando apresentadas em conjunto. Essa força ganha um novo respiro com a reunião de pequenas pinturas em óleo que, em certo sentido, guardam alguma semelhança com os gestos e temas das tais misturas. Entretanto, se olharmos atentamente para cada uma delas há clara indicação de estudo, composição, esboço ou croqui.

Antonio Malta Campos é arquiteto de formação, da FAU USP – lugar de onde menos se formam estritamente arquitetos. Por isso também sua forma de notação é sempre o desenho. Não falo aqui numa percepção precisa ou naive do desenho, mas ele como um dispositivo para que nenhuma ideia se perca. E se eventualmente uma ideia ou uma formulação for perdida, que seja no resultado final de uma composição pictórica. Essas pequenas pinturas merecem uma aproximação individual pelo olhar, nos levando às lembranças e associações imagéticas do repertório de cada um de nós. Ao longe, em conjunto, a linha de paisagem composta por todas elas insinua uma longa partitura musical, arranjo por arranjo, descortinando um universo poético de erudição e de cultura popular.

O que acentua ainda mais a questão expressiva e visceral dessas novas pinturas é o exercício de titulação que o artista constitui pela primeira vez de maneira tão incisiva. Cada composição ganha palavra em sua identidade, o que inaugura na produção do Malta um outro jogo pendular: a complementariedade ou o contraste entre palavra e texto. É com esse novo dado de impureza que se deve olhar para o trabalho de Malta Campos, atentando para as figuras de linguagem que agora se aplicam.

Nessa altura do texto, você deve estar se perguntando: do que se trata enfim essa anárquica paisagem pictórica definida como álbum branco? Pois bem, na história da cultura recente duas obras musicais, distanciadas apenas de cinco anos, marcaram o universo da cultura contemporânea: o White album dos Beatles, que ganhou esse nome por conta da capa branca sem qualquer identificação concebida por Richard Hamilton, e o álbum branco de João Gilberto, que também recebeu esse nome pelo domínio branco de sua capa e pela pureza da audifilia do disco. O primeiro – um disco de caráter experimental, uma patchwork de intenções sonoras, aforismos, contrastes e riqueza melódica e lírica –, respondia ao contexto do mundo em crise e da própria banda em crise. O segundo, por sua vez, trazia na pureza e na constância cíclica da voz e do violão de JG uma espécie de síntese contemporânea da diversa música moderna brasileira.

Malta foi em sua vida atravessado pelos dois discos. E me arrisco a dizer que um pouco de um e de outro se encontra nesse universo pictórico que o artista nos apresenta. A diversidade, a riqueza de contrastes e suas indefinições se assemelham ao ambiente sonoro aparentemente caótico do primeiro disco, mas que se amalgama com poder de síntese. Ao mesmo tempo, o amplo espectro de referências do artista consegue sincronicamente se aproximar de uma síntese também não tão explícita como no segundo disco. A própria ideia do branco pode indicar tanto o começo como o fim de algo. Está dado aqui, portanto, o Álbum Branco de Antonio Malta Campos que pode ser um caderno que se olha página por página ou uma parede expositiva para qual alguém se depara na escala do corpo.

White Album

I once wrote that Antonio Malta Campos is an artist of continued insurgency. I go further: he constantly breaks the formal methods involved in pictorial making, in the drawing line, in the risk of croqui or even in the anarchic medley of formats and techniques. It is on this tortuous and diverse path, but also controlled, that Malta constructs the chaotic visceral landscapes and portraits showed in this exhibition. What is envisioned, regardless of the work's scale, can also be dreams, investigations, perspectives of a dark or catastrophic future. The announced full landscape is the formulation of a catastrophic and impure white album.

Between control and insurrection or dominion and uncertainty, the artist establishes his pendular movement that defines the paths of his artistic production, confabulated on canvas, papers and notebooks. In this exhibition context, the focus is on his paintings in two different dimensions: eight major and sixteen minor paintings. And it is not about a formal alternation of size: these works are dives in colors, lines, shapes and figures of the most diverse types: if the larger ones, with some small variations in size, suggest the structure of the landscape very far from the real or the mimicry of any precise horizon, the smaller ones bring speculations of color and structure, body and shape that may have come out of an architectural design notebook, an unpretentious doodle, the outline of a body, the studies of compositions from Western modernism or even the sketches of a comic book.

Despite identifying these two material support categories translated by the use of oil paint, the artist's language nevertheless brings, as a novelty, a new expressive breath, ignited by a more incisive and voluminous material presence. Everything is excessive at this moment: it is more paint, it is more mixture, it is more conflict of color and shape, it is more figuration suggested, it is more structures under construction or collapse, it is more contamination, impregnation and spillage. There are also insinuations that insinuate themselves, the fire that opposes the green, the red's life impulse that duels with the darkness, the viscera, breasts and veins that accommodate or invade outside comfort and much more. There is even a lonely Batman who seems to come up comically for an impossible rescue.

I stop here in these suggestions for reading the big canvases and call a careful look at the smaller paintings. In the last years of its trajectory, Malta has ritualized its daily work in the making of smaller two-dimensional works, constituting its own creation and execution procedure. Since their participation in the Bienal de São Paulo, the "Misturinhas" – compositions in which drawing, painting and collage are mixed up – have gained notoriety and formulated a kind of continuous movement in the artist's procedural work. The apparent carelessness they suggest hides a narrative power that is achieved when presented together. This strength gains a new breath with the gathering of small oil paintings that, in a sense, bear some resemblance to the gestures and themes of such mixtures. However, if we look closely at each one, there is a clear indication of study, composition, sketch or croquis.

Antonio Malta Campos is a graduated architect, from FAU USP – a place where there are not just architects, strictly speaking. For this reason, his form of notation is always drawing. I do not speak here of a precise or naive perception of the drawing, but it as a device so that no idea is lost. And if eventually an idea or a formulation is lost, let it be in the final result of a pictorial composition. These small paintings deserve an individual approach by looking, taking us to the memories and imaginary associations of the repertoire from each one of us. In the distance, together, the landscape line composed of all of them implies a long musical score, arrangement by arrangement, unveiling a poetic universe of erudition and popular culture.

What further accentuates the expressive and visceral question of these new paintings is the exercise of giving title that the artist constitutes for the first time in such an incisive way. Each composition gains a word in its identity, which inaugurates in Malta's production another pendular game: the complementarity or the contrast between word and text. It is with this new impurity information that we must look at the work of Malta Campos, paying attention to the figures of speech that now apply.

At this point in the text, you must be asking yourself: what is this anarchic pictorial landscape, defined as a white album, at last? Well, in the history of recent culture, two musical works, only five years apart, marked the universe of contemporary culture: the Beatles' White album, which got its name because of the unidentified white cover, designed by Richard Hamilton, and João Gilberto's White album, which he also acquired, received this name for the white domain of its cover and for the purity of the album's audio. The first, an experimental disc, a patchwork of sound intentions, aphorisms, contrasts and melodic and lyrical richness, responded to the context of the world in crisis and the band itself in crisis. The second, in turn, brought in the purity and cyclical constancy of JG's voice and guitar a kind of contemporary synthesis of diverse Brazilian modern music.

Malta was in his life crossed by the two discs. And I venture to say that a little bit of both is found in this pictorial universe that the artist presents to us. The diversity, the richness of contrasts and their indefinitions are similar to the seemingly chaotic sound environment of the first album, but which is amalgamated with the power of synthesis. At the same time, the artist's broad spectrum of references approaches a synthesis that is also not as explicit as on the second album. The very idea of the use of white can indicate both the beginning and the end of something. Therefore, the White Album by Antonio Malta Campos, presented here, can be viewed as a notebook that is looked at page by page, or an exhibition wall that the viewer faces, on the human scale.



O pintor Antonio Malta Campos (São Paulo, 1961) é um dos artistas centrais do núcleo paulista da celebrada Geração 80. Malta fez parte da primeira formação do ateliê Casa 7, de 1982 a 1983. Na sequência, o artista integrou outro ateliê, de estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde estudava. A primeira exposição de Malta, Apto 13, ocorreu em 1985, no Centro Cultural São Paulo, em conjunto com a artista Maína Costales Junqueira.

Em seu trabalho, Malta explora inquietações da forma e do meio pictórico, que se cruzam e se dilatam, a partir dos seus conhecimentos e estudos, nos vários suportes e técnicas que o artista utiliza. Nas suas Misturinhas, o artista mantém uma prática cotidiana, com abertura para experiências e ensaios, incluindo a colagem. Em suas telas de grandes dimensões, nos deparamos com aspectos que atravessam tempos e espaços, sua pintura exala uma pesquisa visual que envolve ironia e anamorfismo carregados de muita liberdade cromática. Os eventuais resquícios de paradigmas artísticos modernos, europeus ou norte-americanos, se mostram transfigurados, em uma subversão da linguagem pictórica regida pela lei dos trópicos, a Antropofagia.

Destacam-se, entre as recentes exposições institucionais da obra de Antonio Malta Campos, as 33ª (2018) e 32ª (2016) edições da Bienal de Arte de São Paulo; Pangaea: New Art From Africa and Latin America, na Saatchi Gallery, de Londres (2014) e, por último, Antonio Malta e Erika Verzutti, Centro Cultural São Paulo (2012). O trabalho do artista está presente em museus e coleções privadas, como: Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo); Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro); Saatchi Collection (Londres); Olor Visual (Barcelona); Andréa e José Olympio Pereira (São Paulo).

[visite a página do artista](#)

The painter Antonio Malta Campos (São Paulo, 1961) is one of the central artists from São Paulo's celebrated Geração 80. Malta was part of Casa 7 studio's first formation, from 1982 to 1983. Subsequently, the artist joined another students' studio from the Faculty of Architecture and Urbanism at University of São Paulo, where he studied. Malta's first exhibition, Apto 13, took place in 1985, at Centro Cultural São Paulo, with the artist Maína Costales Junqueira.

In his work, Malta explores concerns about form and the pictorial language, which both intersect and expand, based on his knowledge and studies, in the various supports and techniques that the artist uses. In his Misturinhas, the artist maintains a daily practice, with an opening to experiments and rehearsals, including collage. In his large canvases, we come across aspects that go through time and space, his painting exhales a visual research that involves irony and anamorphism with a lot of chromatic freedom. The possible vestiges of modern artistic paradigms, European or North American, are transfigured in a subversion of the pictorial language governed by the law of the tropics, Anthropophagy.

Among the recent institutional exhibitions of Antonio Malta Campos' work, those which stand out are the 33rd (2018) and the 32nd (2016) edition of São Paulo's Bienal de Arte; Pangaea: New Art From Africa and Latin America, at Saatchi Gallery, London (2014) and Antonio Malta and Erika Verzutti, at Centro Cultural São Paulo (2012). The artist's works are in museums and private collections, such as: Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo); Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro); Saatchi Collection (London); Olor Visual (Barcelona); Andréa and José Olympio Pereira (São Paulo).

[visit the artist page](#)



SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173 a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232 2315